VOLUME 23 *1980*

Revista de Antropologia

SUMARIO

DESIDERIO AYTAI: O mundo cromático Karajá 1
PEDRO AGOSTINHO: Bases para o estabelecimento da Reserva Pataxó 19
BERTA G. RIBEIRO: Possibilidade de aplicação do critério de forma no estudo de contatos intertribais, pelo exame da técnica de remate e pintura de cestos 31
ORLANDO SAMPAIO SILVA: Os grupos tribais do Território de Roraima 69
RENATO DA SILVA QUEIROZ: Por falar em Surui... 91
EXPEDITO ARNAUD: O protestantismo entre os índios Palikúr do Rio Urucauá (Oiapoque, Brasil) 99
JERUSA PIRES FERREIRA: Conto russo em versão nordestina .. 103
YEDA PESSOA DE CASTRO: Africa descoberta: uma história recontada 135
HAIGANUCH SARIAN: Baixo-relevo cultual: Mitra Tauróctono .. 141

COMUNICAÇÕES 161
NOTICIARIO 185
BIBLIOGRAFIA 191

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIENCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE CIENCIAS SOCIAIS

Biblioteca Digital Curt Nimuendajú - Coleção Nicolai
www.etnolinguistica.org

O PROTESTANTISMO ENTRE OS ÍNDIOS PALIKÚR DO RIO URUCAUÁ (OIAPOQUE, BRASIL) (*)

— NOTÍCIA PRELIMINAR —

Expedito Arnaud
(Museu Paraense Emílio Goeldi, Belém)

Os Palikúr foram identificados inicialmente por Vicente Pinzon, em 1550, na costa situada à margem esquerda da foz do Amazonas (Brasil-Tratados, 1899, 1:28). Em 1729, D'Anville já os indica mais para o interior, entre o Curupi e as cabeceiras do Calcoene (*ibid.*: mapa 19). Em 1813, segundo Leprieur, estavam espalhados pelo Curipi, Uaçá e sobretudo pelo Urucaúa (Coudreau, 1886/7, 2:430). E pela década de 1980, a população do Curipi estava constituída principalmente por "brasileiros refugiados", a do Uaçá por índios Aruán e a do Urucauá por Palikúr, estes variando entre 200 e 300 (*id.* 1893: 377-79). Assim que findou o *contestado franco-brasileiro,* em 1900, os Palikúr se transferiam para a margem esquerda do Oiapoque (Guiana Francesa), porém, tendo sofrido significativas baixas por motivo de enfermidades, retornaram para o Urucauá, excetuando 58 indivíduos que permaneceram no lado francês (Nimuendaju, 1926:17). Entretanto, os que retornaram, continuaram mais ligados aos crioulos guianenses "amáveis e pacíficos", do que aos brasileiros do Oiapoque que ainda consideravam os índios como "bichos" e os tratavam rudemente (*ibid.*:110). Os batizados iam os Palikúr, geralmente, realizar na cidade de Saint Georges; e, 20 anos após a extinção do *contestado,* seu capitão continuava usando uma farda de acordo com o modelo francês (*ibid.:* 104). Em 1943, o S.P.I. estabeleceu um posto na confluência dos rios Curipi e Uaça, mas os Palikúr sempre se mostraram menos inclinados a aceitar a tutela oficial que seus vizinhos Galibí e Karipúna, e os elementos mais velhos chegaram a definir a instrução escolar como uma forma de escravidão (Arnaud, 1969:17). Presentemente, os Palikúr da Guiana Francesa e do Brasil, somando 360 e 500 indivíduos, respectivamente, constituem unidades distintas, mas estreitamente relacionadas entre si.

(*) — Comunicação aprestntada na XII Reunião Brasileira de Antropologia, realizada no Rio de Janeiro (14 a 17 de junho de 1980).

Os Palikúr conservam bem vivo seu dialeto *Aruak*. Permaneceram com estruturas em clãs exogâmicos patrilineares, funcionando com respeito ao casamento e cerimonial fúnebre, mas deixaram esses clãs de ter localizações separadas, distribuindo-se seus componentes entre diversas aldeias, indistintamente (*id.*, 1968:8). A antiga submissão dos genros para com os sogros desapareceu quase por completo no âmbito do grupo; e em razão disto, os maridos deixaram de dispensar bom tratamento às mulheres e aos filhos. A chefia que, antigamente, era em regra ocupada por um dos homens mais velhos (Nimuendaju, 1926:37) passou a ser exercida por alguém indicado pelo S.P.I., porém, pela metade da década de 1960, não existia verdadeiramente nenhum chefe indígena no Urucauá. A economia continuou essencialmente de subsistência (agricultura, pesca, caça, coleta), ocorrendo precariamente a produção de excedentes para comercialização. Tradicionalmente, consumiam a tabaco sob a forma de cigarros e o caxiri (bebida fermentada), mas desde muito tempo que se tornaram também consumidores de aguardente de cana importada, não raro em excesso, sobretudo por ocasião dos folguedos. O xamanismo perdurou de forma bastante ativa. E também foram mantidos os rituais relacionados ao ciclo de vida, como as festas tradicionais e as antigas crenças religiosas, embora com acréscimo e/ou alteração provocadas pelos contatos externos (Arnaud, 1970).

A primeira tentativa que conhecemos para a introdução do protestantismo entre os índios do Uacá, foi efetuada, em 1954, por dois missionários da "Missão Novas Tribos do Brasil", os quais, entretanto, possivelmente face à indiferenca com que foram recebidos, cedo se retiraram e não mais retornaram à região. Em 1965, os lingüístas do Instituto Lingüístico de Verão, Harold e Diana Green, iniciaram no Urucauá estudos sobre a língua Palikúr, mas sem procurar exercer, pelo menos nessa fase inicial, qualquer influência religiosa sobre o grupo indígena. A partir de 1967-68 é que os Palikúr começaram a ser, efetivamente, iniciados no protestantismo (movimento pentecostal), por intermédio de um índio do próprio grupo (Paulo Orlando), com instrução escolar de nível elementar e falando com certo desembaraço a língua portuguesa, e que, desde algum tempo, aspirava assumir uma posição de liderança. Segundo informou, decidiu converter-se ao pentecostalismo e orientar para o mesmo caminho "seus irmãos de raça", influenciado pelos conselhos e ensinamentos que lhe ministrou o pastor norte-americano Gleen Johnson. Desde então, Paulo Orlando que, costumeiramente, se conduzia de modo desregrado, passou a levar uma vida austera, ao mesmo tempo que ia fazendo proselitismo através de prédicas, que consistiam na tradução oral, para o dialeto Palikúr, de trechos da Bíblia e da doutrina pentecostal. Por essa forma, conseguiu converter todos os habitantes do Urucauá (excetuando os *mestiços* das aldeias Flechas e Tipoc), reunindo-os na própria aldeia (*kunaen,* depois Vila do Salvador) e assumindo, como desejava, as lideranças espiritual e política da comunidade.

Após a adoção da nova religião, as condições econômicas dos componentes do grupo melhoraram sensivelmente, face a uma maior dedicação ao trabalho. Suas relações pessoais, internas e externas, se tornaram excelentes, inclusive com os funcionários da administração oficial, pois, conforme costumavam dizer, havia aprendido que, para ganhar a graça de Deus, deveriam "amar os outros como a si próprios e respeitar as autoridades". A instrução escolar passou a ser procurada, até pelos mais velhos, sobretudo para obtenção de um melhor conhecimento da Bíblia. O fumo e as bebidas alcoólicas (incluindo o caxiri) foram abolidos. Mas deixaram também de ser realizados os rituais do nascimentos e da puberdade, assim como as festas tradicionais, tendo sido destruído o equipamento usado na importante "Festa do Turé". As cerimônias fúnebres foram alteradas. E as antigas idéias religiosas passaram a ser abertamente abjuradas, e os próprios xamãs e feiticeiros (sopradores) se tornaram crentes.

Aconteceu que, decorrido algum tempo, o lado emocional e mistico do pentecostalismo acabou por prevalecer entre numerosos membros da Igreja, que se tornaram desinteressados pelo trabalho e, em conseqüência, chegaram a sofrer necessidades. Os representantes do Instituto de Lingüístico resolveram então intervir, e através de várias exortações com base no preceito de São Paulo: "Quem não trabalha não deve comer" —, conseguiram fazê-los retornar ao labor quotidiano. Mas, entrementes, a Igreja começava a entrar em crise, devido à destituição do *pastor* Paulo Orlando num julgamento inquisitorial, no qual foi considerado não ser mais digno de permanecer no cargo, dada a forma irregular como estava se comportando. A direção da Igreja foi assumida por outro índio (Moisés Yapahá), porém, Paulo Orlando conseguiu se manter como líder político, prestigiado pela maioria dos índios, que gradativamente foram deixando de comparecer aos oficios religiosos. Os que assim procederam, voltaram novamente a fumar, a ingerir bebidas alcoólicas e a realizar a "Festa do Turé". Ao mesmo tempo, alguns deles começaram a reagir contra a participação nos serviços propostos pelo chefe do Posto em benefício da comunidade, havendo um deles assim se expressado a respeito — "Para o Governo não vou fazer mais nada de graça". Em Setembro de 1978, ou seja, 10 anos após o início do movimento pentecostal no Urucauá, apenas umas 20 pessoas adultas ainda se mantinham como *crentes*. Contudo, a comunidade permanecia agrupada na mesma aldeia, não ocorriam entre seus membros rivalidades por motivo religioso, sendo que *crentes e não - crentes* indistamente, realizavam trabalhos em cooperação, e mostravam-se interessados em progredir economicamente.

BIBLIOGRAFIA

ARNAUD, Expedito

1968 — Referências sobre o sistema de parentes dos índios Palikúr. *Bol. Museu Pa. Emílio Goeldi.* Belém, n. série. Antrop., 36, 21 p. il.

1969 — Os índios da região do Uaçá (Oiapoque) e a proteção oficial brasileira. *Bol. Mus. Pa. Emílio Goeldi.* Belém, n. série, Antrop. 40, 37 p. il. mapa.

1970 — O xamanismo entre os índios da região Uaçá (Oiapoque, Território do Amapá). *Bol. Mus. Pa. Emílio Goeldi,* Belém, n. série. Antrop. 44, 22 p. il.

BRASIL — TRATADOS

1899 — *Frontières entre le Brésil e la Guyana Française. Seconde Memoire presenté par les Etats Unis du Brésil au Gouvernement de la Confédération Suisse.* Berne Imp. Staepeli, 6 v. anexo, facs. mapas.

COUDREAU, Henri A.

1886/1887— *La France Equinoxiale.* Paris, Challamel Ainé. 2 v. 495 p. il. mapas.

NIMUENDAJU, Curt

1926 — Die Palikur Indianer und ihre Nachbarne. *Kungl. Vetenshaps-Och Vitterhets-Samnaelles Handlingar.* Goetborg, Fjaerde Foeljden 31(2). 144 p. il. mapa.

Biblioteca Digital Curt Nimuendajú - Coleção Nicolai
www.etnolinguistica.org